

· Introdução ·

Será útil organizar esta Introdução apresentando e respondendo a três perguntas. Quem é Zygmunt Bauman? O que ele faz? Por que o faz? É desnecessário dizer que um texto com este alcance não pode dedicar atenção adequada à profundidade e complexidade do pensamento de Bauman. Não tenho essa pretensão. O objetivo aqui é bem modesto. Ela busca apenas fornecer *uma* via de acesso ao pensamento social de Bauman para aqueles que não estejam familiarizados com ele. Ler os livros de Bauman não é reconfortante, mas faz você pensar de um modo diferente sobre o mundo, sobre si mesmo e – talvez ainda mais importante – sobre suas relações e afinidades com os outros.

Quem é Zygmunt Bauman?

Uma forma de responder a essa primeira pergunta é referir-se a uma das assertivas que têm sido feitas sobre a obra de Bauman. Tem-se afirmado que ele é “um dos mais interessantes e influentes comentadores [que refletem] sobre ... a condição humana”. Essa citação é da biografia de Bauman escrita por Dennis

Smith, o qual também acredita que “Bauman é parte da história que relata”.¹ Smith quer dizer que os livros e ensaios de Bauman constituem o corpo da obra mais importante para a compreensão da natureza do mundo em que vivemos, e que ele é um observador especialmente perspicaz quanto às tendências e forças fundamentais da atualidade pelo fato de tê-las vivenciado de maneira radical.

Smith especula que muitas das preocupações intelectuais de Bauman são reflexo de suas experiências de vida. Isso é ir muito longe, mas a essência da questão está bem-colocada. É difícil imaginar que suas experiências não tenham tido *nenhum* impacto sobre os temas e o tom de seu pensamento social. Bauman nasceu na Polônia, numa família judia, em 1925. Mudou-se com a família para a antiga União Soviética, fugindo da invasão nazista, em setembro de 1939. Lá, juntou-se ao exército polonês e lutou na frente russa. Começou a carreira acadêmica no início da década de 1950 e foi professor da Universidade de Varsóvia até exilar-se durante a campanha antissemita promovida pelas autoridades comunistas em 1968. Em 1971, tornou-se professor da Universidade de Leeds, onde permaneceu até sua aposentadoria oficial, em 1990. Um aspecto que vale a pena ressaltar neste esboço biográfico é o fato de que, quando Bauman escreve em inglês, está usando aquela que é pelo menos sua *terceira* língua (tendo nascido na Polônia e estudado na União Soviética).

É muito tentador relacionar o pensamento social de Bauman à sua biografia. Ele escreveu, por exemplo, uma série de artigos sobre a Polônia natal e os problemas da transição do comunismo para determinado tipo de capitalismo, temas que também aparecem em alguns de seus livros.² Escreveu também sobre o totalitarismo e em particular sobre o Holocausto.³ É possível presumir que os personagens do errante e do turista que aparecem em seus estudos sobre a pós-modernidade sejam reflexos de sua própria experiência de exílios forçados.⁴ Finalmente, seria possível até afirmar que seu compromisso com uma ética da proteção que deveria perdurar ao longo do tempo e independentemente de efêmeras preferências pessoais reflete o próprio desejo de se

reinsserir num mundo que oferece apenas camas de campanha.⁵ Sim, tudo isso é tentador, mas há pelo menos três grandes problemas ao se reduzirem os temas e interesses de Bauman – ou, nesse sentido, de qualquer outro pensador social – a questões biográficas.

Em primeiro lugar, quando se afirma que a obra de Bauman reflete suas experiências pessoais, logicamente exige-se que a mesma afirmação seja feita em relação à obra de todos os outros autores. Se este for um passo para o qual estejamos preparados, nós teremos de concluir que todo pensamento social é autobiográfico, e que, como toda biografia tende a silenciar alguns incidentes e enfatizar outros, todo pensamento social consiste em pouco mais que aquilo que os pensadores preferem dizer sobre eles mesmos. Se continuarmos prontos para prosseguir nessa linha de pensamento, seremos obrigados, em última instância, a afirmar que questões relativas a moral, opressão, liberdade, sofrimento, felicidade e prazer podem ser reduzidas ao indivíduo e não têm qualquer importância geral. Ou, falando de outro modo, a própria possibilidade de pensamento social entra em colapso, e com ela – o que é mais importante – a ideia de que as vidas de homens e mulheres de alguma forma se inter-relacionam. Terminamos com aquele velho lema de uma recente idade das trevas para a generosidade humana: “Não existe essa coisa de sociedade.”

Em segundo lugar, se explicarmos o pensamento de Bauman com referência a sua biografia, na verdade ficaremos totalmente incapazes de compreender o que ele tem a dizer. A obra de Bauman já pode ser bem difícil sem que tornemos ainda mais árdua a tarefa de interpretá-la ao partirmos de uma base insatisfatória. Como observou Peter Beilharz, Bauman “não gosta de falar de sua trajetória de vida”.⁶ (Nesse sentido, as informações biográficas fornecidas no primeiro diálogo deste livro são extraordinárias e suficientes para a finalidade de entender a relação da vida do autor com seu pensamento.) Isso é bom por motivos sociológicos e morais.

Esses motivos são delineados por Richard Sennett, pensador que Bauman admira muito. Em seu magnífico livro *O declínio do homem público*, Sennett desenvolve o argumento de que a cultura contemporânea corroeu de tal modo a vida pública que destruiu a fronteira entre público e privado. Em nossa cultura, não afirmamos que uma pessoa é “boa” por ser polida ou cortês em público; em vez disso, procuramos saber tudo sobre ela. A vida pública foi substituída por um desejo de intimidade – queremos o conhecimento íntimo e o sentimento de que “realmente conhecemos” qualquer um. A vida pública e os pecadilhos se tornam padrões pelos quais analisamos seu valor. Somos absorvidos pelo que a pessoa faz, e não pelo que ela é. Diz Sennett: “Numa sociedade assim, o teste que determina se as pessoas são autênticas e ‘corretas’ umas com as outras é um padrão peculiar de troca de mercado nas relações íntimas.”⁷

Somos considerados bons e honestos se estamos preparados para dizer tudo a todos. As provas dessa observação estão por toda parte: nos *chat shows* de TV que preenchem as lacunas da programação diurna, nos *blockbusters* baseados em biografias de pessoas convenientemente mortas, no “culto à celebridade” que domina a cultura popular. Mas o que Sennett enfatiza é que esse tipo de cultura assinala o fim da vida pública, já que nos priva de termos outra coisa em comum além de nossos segredos, mentiras e intromissões.

De modo semelhante, a recusa de Bauman em falar sobre si mesmo é uma recusa em aceitar esse jogo. É o repúdio prático dessa expectativa cultural e do custo que ela inflige às pessoas. Bauman evita o autobiográfico para que a vida *pública* – o único tipo de vida que pode constituir os alicerces de uma *política* íntegra e respeitável – possa ser fortalecida e praticada.

Em terceiro lugar, a biografia que é central para o pensamento social de Zygmunt Bauman é a de sua mulher, Janina. Numa primeira apreciação, este poderia ser um comentário estranho, pois contradiz o ensinamento de Richard Sennett de que a vida pública não exige intimidade com o pessoal (na verdade, de que

a vida pública é impossível quando sucumbe às intimidades do pessoal). Mas a sugestão de que as experiências de Janina Bauman são importantes para o pensamento social de Zygmunt Bauman pode ser conciliada com os ensinamentos de Sennett pela simples razão de que ela escreveu um livro de memórias que teve tremendo impacto sobre aquilo que ele faz. O livro de Janina Bauman, *Inverno na manhã*, relata suas experiências de menina judia vivendo em Varsóvia durante o auge da ofensiva da ocupação nazista. Ela relata como o tecido caloroso de sua vida no pré-guerra foi transformado em farrapos, como foi forçada, com a mãe e a irmã, a viver no Gueto de Varsóvia e como elas conseguiram escapar à deportação para os campos de extermínio.

O livro de Janina deixou marcas no pensamento social de Bauman. *Inverno na manhã* levou-o a avaliar que suas próprias experiências de vida teriam de ser ultrapassadas se quisesse estudar o Holocausto – que interpreta como a cristalização das tendências e possibilidades da modernidade. Zygmunt Bauman tinha escapado à ocupação nazista (ele menciona seus encontros com nazistas em nosso primeiro diálogo), e portanto suas experiências não eram suficientes para o problema.

No prefácio de *Modernidade e Holocausto*, escreveu ele: “Tendo lido o livro de Janina, comecei a imaginar o quanto eu não sabia – ou melhor, eu não pensava da maneira adequada. Percebi que não havia realmente entendido o que se passara naquele ‘mundo que não era meu’”.⁸ O Holocausto era parte da história de *outra pessoa*. A prática do pensamento social exige que se vá além de nossas próprias vidas e que subordinemos essa história a algo publicamente mais importante (posição que corresponde às afirmações metodológicas que aparecem em *Hermeneutics and Social Science: Approaches to Understanding*, e com os argumentos éticos apresentados em sua obra sobre a pós-modernidade, a questão de viver *para o outro*).

Em suma, portanto, se uma pessoa deseja escrever sobre sua biografia, isso é uma coisa. Mas é algo bem diferente para outros fazê-lo em seu próprio benefício, em termos da expectativa

cultural de que “isso é o que todos querem saber”. Como revela a própria sociologia de Bauman sobre o fardo da identidade na modernidade, na pós-modernidade e na modernidade líquida,⁹ há uma dignidade admirável na privacidade pessoal moralmente rigorosa (uma privacidade que é moral porque sempre respeita a dignidade das outras pessoas). Bauman mostra que a *obra* do sociólogo é – ou deveria ser – publicamente mais importante que a sua *vida*. A relevância pública não exige que nos desnudem na arena pública. E se a expectativa contemporânea assim o demanda, bem, como demonstra a sociologia de Bauman, talvez este seja um modismo ao qual devemos resistir a todo custo. Ceder a essa pressão é desempenhar um papel na devastação da vida pública e, por conseguinte, da política.

Portanto, quem é Zygmunt Bauman? Para nós, é um homem privado que nos convida a participar da vida pública.

○ que faz Zygmunt Bauman?

A segunda pergunta é fácil de fazer mas difícil de responder. A resposta depende de onde se mira. Se olharmos para os livros de Bauman, logo ficará claro que o que ele faz é escrever com enorme rapidez e notável habilidade de se concentrar no tema que organiza muitos dos problemas e questões do presente, divergentes em outros aspectos. Nesse nível, pode-se dizer que Bauman desempenha o papel de *tradutor*. Ele sintetiza o que está se passando e o que é importante, e o apresenta aos pensadores sociais de modo a que possam proceder aos debates por si mesmos. Bauman traduz o mundo em textos. Não é um construtor de sistemas, nem seu pensamento social consiste em escarafunchar incansavelmente uma só crosta conceitual ou temática. Ele é um ensaísta por intermédio de quem o presente vem a ganhar algum tipo de sentido coerente.

Talvez só porque o mundo do pensamento social enfim acredite estar alcançando Bauman é que sua obra começa a sair

das notas de rodapé para o corpo do texto. Mas a ironia é que, tão logo Bauman é “fiscado”, os pescadores estudiosos descobrem que ele na verdade escapou para explorar novas águas. Por conseguinte, se quisermos compreender o que Bauman faz, é conveniente procurar em outros lugares, para além dos “conceitos-chave”. É melhor observar as águas profundas de seu pensamento. Se o fizermos, veremos que “o que Bauman faz” pode ser resumido de modo relativamente coerente.

Por admissão e temperamento, o que Bauman faz é sociologia. Ele é um sociólogo – e se identifica como tal – porque, como explica no primeiro destes nossos diálogos, acredita que a sociologia é mais capaz de captar e abraçar a totalidade da experiência humana que qualquer outra disciplina. Ele afirma que a experiência humana não respeita fronteiras rígidas entre social, político, econômico ou poético, nem tampouco a sociologia. Dessa maneira, a sociologia é uma disciplina singular, e o que muitos comentadores podem identificar como a fraqueza terminal da disciplina (sua tendência a assumir ideias vindas de outros lugares, sua incapacidade de construir altas muralhas entre ela mesma e, digamos, a política ou a filosofia) é, na verdade, sua força profunda.

Esse tema tem sido uma constante no pensamento de Bauman ao longo dos anos. Embora seu estilo de prosa seja bem mais denso do que poderiam esperar os leitores apenas familiarizados com os livros que ele escreveu desde o fim da década de 1970, essa compreensão abrangente dos interesses e da importância da sociologia pode ser encontrada num ensaio da década de 1960. Ali, ele afirmava que, “para entender o homem, devemos reunir tudo o que descobrimos ao penetrar os diferentes aspectos de seu processo de vida unificado”. Nesse ensaio, Bauman tornava claro que o mundo “unificado” era usado de uma forma específica, contrária à utilização feita pelo senso comum. Afinal, “o mundo implica uma coisa que é reunida depois de ter sido dividida; o que temos em mente, contudo, é o tipo de unidade existente antes que tenha acontecido qualquer divisão”.¹⁰ De

modo correspondente, embora Bauman seja um sociólogo, ele é um sociólogo de tipo bem particular. Acredita que as fronteiras entre as disciplinas devam ser tratadas com suspeita e até ignoradas na busca de um conhecimento mais abrangente e relevante do mundo social.

O que Bauman faz, portanto, é sociologia sob o signo do ecletismo e da universalidade. Mas não é o ecletismo da autoexaltação ou da autossatisfação. É um ecletismo tornado necessário porque a vida humana é ela própria fundamentalmente abrangente, diversificada e impossível de se apreender sob uma única classificação. Bauman está dizendo que precisamos de um tipo de sociologia sem limites definidos para estarmos à altura da tarefa de compreender o caráter ilimitado da vida de homens e mulheres. Sem dúvida essa é a razão pela qual a obra de Bauman consegue atrair tantas pessoas engajadas no que se poderia chamar, de modo genérico, de “pensamento social”, e seus livros conseguem extrapolar os limites estreitos da “sociologia” tal como é convencionalmente entendida.

Uma implicação interessante dessa compreensão da sociologia (da compreensão de Bauman sobre o que ele faz) é que ela pode explicar um dos momentos mais curiosos deste livro. No primeiro diálogo, pergunto a Zygmunt Bauman que obra levaria para uma ilha deserta: se pudesse levar só um livro, qual seria? Eu esperava que a resposta fosse *Cadernos do cárcere*, de Gramsci, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Weber, ou, mais provavelmente, *Filosofia do dinheiro*, de Simmel. Em vez disso, Bauman relacionou uma série de obras de literatura e afinal se decidi por um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges. Foi uma surpresa que, à luz da particular compreensão de Bauman quanto aos interesses da sociologia, pode ser perfeitamente explicada.

Do ponto de vista de Bauman, um conto de Borges possui tanta relevância e insight sociológicos quanto qualquer texto que poderia ser prontamente aceito como parte do “cânone”. Na verdade, um conto de Borges pode ser mais útil que os livros convencionais de sociologia, se for mais capaz de apreender de

modo abrangente o fluxo e a indeterminação da vida social de homens e mulheres. Entretanto, embora o vínculo da sociologia com a literatura no pensamento de Bauman seja extremamente sugestivo (e possa ajudar a explicar por que, em seus livros, ele se refere com tanta frequência à literatura), é importante não estender demais esse vínculo.

Os livros de Bauman são inegáveis exemplos de pensamento social. O que ele faz é praticar e promover o pensamento sobre as relações, situações e forças vivenciadas e confrontadas por homens e mulheres, e, o que é importante, vivenciadas como *reais*. A literatura pode muito bem ser capaz de lançar novas e desafiantes luzes sobre essas relações, situações e forças (em especial se for como a de alguns autores favoritos de Bauman: Robert Musil, Milan Kundera, Georges Perec), mas ainda permanece o fato de que ela é construída com base no *ficcional* e não no social e experimentalmente *factual*.

Mas há outra forma de responder à pergunta “O que Bauman faz?”. Sim, ele “faz” sociologia, mas, dentro desse campo, tenta realizar alguma coisa que tenha importância em si mesma. Em sua sociologia, Bauman tenta mostrar que o mundo não tem de ser desta maneira, que há uma alternativa àquilo que correntemente parece tão natural, tão óbvio, tão inevitável. Essa preocupação traz a marca de duas das principais influências no desenvolvimento do pensamento social de Bauman: o marxismo pós-leninista de Antonio Gramsci e a sociologia de Georg Simmel. A forma como essas duas figuras o influenciaram torna-se clara no diálogo que ele travou com Peter Beilharz.¹¹

Ali, Bauman dizia que Gramsci mostrou-lhe que homens e mulheres não são os bobos inconscientes de estruturas sociais que tudo determinam; tampouco são eles (ou seja, nós) pouco mais que seres mobilizados apenas em reação ao estímulo externo. Em vez disso, Gramsci mostrou que homens e mulheres são dotados, por si mesmos, da habilidade e do poder de construir o mundo. Gramsci mostrou que só em função do “senso comum” promovido pelas estruturas de mando dominantes é que esse

potencial não é vislumbrado nem exerce influência. Gramsci fez ver a Bauman que as coisas podem ser diferentes e existem alternativas a ser construídas por homens e mulheres. Essa foi uma influência que se ajustou – e continua se ajustando – muito bem à compreensão de Bauman da cultura como uma “faca que pressiona o futuro”.¹²

Nesses termos, a cultura é ao mesmo tempo a expressão da percepção de que existe uma alternativa e um estímulo para que homens e mulheres pensem diferente, de maneiras não autorizadas, sobre o mundo em que vivem, trabalham e morrem. Além disso, o insight de Gramsci de que o mundo é algo que pode ser construído pela ação e por agentes sociais permitiu-lhe romper com o comunismo “oficial” ao estilo soviético em que seu pensamento esteve aprisionado durante os primeiros anos de atividade. Quando a cafeína injetada por Gramsci na corrente sanguínea intelectual de Bauman atingiu o cérebro, ficou claro que a versão de marxismo e socialismo promovida pelo sistema soviético era algo a se abordar criticamente e com suspeita – pois dizia a homens e mulheres que o Partido, ou alguma abstração chamada proletariado ou necessidade histórica, era quem fazia a história, e não eles.

Como afirmou Bauman nestes diálogos, Gramsci o habilitou a manter o compromisso com o núcleo moral do pensamento de Marx, ao mesmo tempo que o liberou das inconseqüências do sistema soviético. (Foi dessa maneira que Bauman se tornou um dos principais pensadores da onda de “marxismo humanista” ou “revisonismo marxista” que surgiu na Polônia durante a década de 1950.¹³)

Como esclarece Bauman,¹⁴ Gramsci ensinou-lhe *o que* seu pensamento social deveria observar. Mas foi Simmel quem o ensinou *como* observar um mundo que dá a impressão de ser tão natural para homens e mulheres que eles não concebem a chance de que seja possível haver uma alternativa. No diálogo com Peter Beilharz, Bauman explica isso: “Simmel afastou ... a esperança/restrição de que, uma vez que as incongruências e contradições ‘superficiais’ estejam fora do caminho, eu encontrarei ‘lá embaixo’

a engrenagem funcionando perfeitamente.” Bauman extraiu outra mensagem de Simmel: “Que para o lápis de qualquer tendência existe a borracha de uma outra; e tentar eliminar essa ambivalência para ver melhor como a sociedade opera é como querer desmontar as paredes para ver melhor o que sustenta o teto.”¹⁵

Simmel mostrou a Bauman que é tarefa da sociologia lançar um olhar de suspeita sobre qualquer afirmação de que o mundo social operaria de forma ordenada e com tendência a um tipo de equilíbrio, não fosse pelo fato de homens e mulheres se comportarem de maneiras tão imprevisíveis e ambivalentes. Simmel mostrou que ambivalência e incerteza são a essência da vida social, e que, portanto, cabe à sociologia tentar captar esse fluxo sem jamais interrompê-lo ou ignorá-lo (e assim, uma vez mais, estamos de volta à característica visão de Bauman sobre a sociologia, e também à sua escrupulosa persona pública de alguém que não dirá o que seus livros “realmente significam”).

À luz disso, não admira muito que Bauman tenha pouco interesse pela sociologia parsoniana e pós-parsoniana, com sua ênfase implacável no “problema da ordem”. Bauman quase certamente objetaria que o problema da ordem é menos uma questão de categoria sociológica que um problema político e material para homens e mulheres que têm suportado suas consequências no cotidiano.

Então, o que Zygmunt Bauman faz? Ele usa uma sociologia eclética para mostrar a seus leitores que o mundo pode ser diferente do que é; e que, apesar de tudo, existe uma alternativa. Mas homens e mulheres só podem agir em público se não forem obrigados a vestir a paralisante camisa de força das exibições de intimidade *ersatz*.

Por que Zygmunt Bauman faz o que faz?

Ao pensar sobre *o que* Bauman faz, já começamos a caminhar para a compreensão de *por que* o faz. Ele é um pensador social

porque deseja que homens e mulheres construam o mundo para si mesmos, pressionem uma faca contra o futuro e assim pratiquem a liberdade, em vez de aceitar as restrições da necessidade. É por isso que, no fim do primeiro diálogo, Bauman explica que sempre procurou estar atento à beleza e à humilhação. A beleza é a expressão da capacidade humana de construir e imaginar um mundo diferente (é um ir além das necessidades deste mundo); e a humilhação (quer seja a humilhação física do sofrimento, quer seja a humilhação material da pobreza) é o acúmulo da necessidade sobre e contra a possibilidade (daí a preocupação de Bauman com as consequências humanas da globalização e com a sorte dos “novos pobres”¹⁶). Mas a pergunta “Por quê?” envolve mais que isso.

Uma das qualidades mais significativas e interessantes do pensamento de Bauman é seu rigor, sua seriedade moral. Ao contrário de muitos pensadores sociais, ele não acha que questões de moral possam ser reduzidas a gostos pessoais, a posições e experiências de grupos específicos ou a procedimentos metodológicos. Tampouco acredita que questões de moral possam ser analiticamente desprezadas em favor de algo em tese mais fundamental. Em vez disso, Bauman afirma (e esse argumento percorre grande parte deste livro) que a moral se refere ao compromisso com o outro ao longo do tempo. A moral não diz respeito a caprichos temporários, mas aos seres humanos *na condição de* humanos, e não porque são como eu sou. Ele acredita que a moral é a questão humana fundamental porque somos sempre e inevitavelmente confrontados em nossas vidas com outras pessoas em geral e com alguns parceiros em particular. Para Bauman, portanto, o pensamento social é indivisivelmente moral em seu contexto e seus interesses. Ele diz respeito à *humanidade*.

Esse aspecto de sua obra foi iluminado por *Inverno na manhã*, de Janina Bauman. Ela escreveu que “a coisa mais cruel da crueldade é que ela desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E ... o esforço mais árduo é permanecer humano em condições desumanas”.¹⁷ Essa é uma frase que sintetiza muito da visão étic-

ca que se encontra no cerne da sociologia de Zygmunt Bauman (sem dúvida pode ser vista como o principal tema de *Modernidade e Holocausto*). Ele observa como as ordens sociais são cúmplices na desumanização. Mas, em vez de fazer a opção fácil e se prostrar em desespero diante da desumanidade disso tudo, ele tenta recuperar a possibilidade de humanidade.

A questão é que os seres humanos não *precisam* ser desumanos, ainda que vivam em circunstâncias sociais e históricas que fazem o tratamento cruel de outra pessoa parecer fácil e inconsequente. Sempre é possível escolher ser humano, sempre é possível escolher ser moral. Nessa escolha está nossa dignidade humana. É atributo da sociologia mostrar que a escolha de ser moral sempre pode ser feita, de vez que todas as estruturas e os pensamentos que nos dizem ser impossível essa escolha são eles mesmos inteiramente contingentes.

O pensamento social é *para* a humanidade. No diálogo com Beilharz, Bauman explicou que

com Janina aprendi que a *Wertfreiheit* (a neutralidade axiológica) não é – no que diz respeito às ciências humanas – somente um castelo no ar, mas também uma ilusão profundamente desumana; que fazer sociologia só faz sentido à medida que ajuda a humanidade na vida, que em última instância são as escolhas humanas que fazem toda a diferença entre vidas humanas e desumanas.

E então se seguiu o insight tendo por foco as escolhas que levam ao humano ou desumano *sociológico*, em vez do *filosófico*: “E que a sociedade é um engenhoso mecanismo para estreitar, quem sabe eliminar de vez, essas escolhas.”¹⁸ É *sociológico* porque significa que, se quisermos entender as qualidades do ser humano hoje, devemos considerar as situações em que os seres humanos se encontram.

Além disso, à proporção que estão ligados a uma forma sociológica de pensar, esses compromissos e afirmações morais de Zygmunt Bauman saem do campo da especulação para se tor-

nar meios de avaliação pelos quais a humilhação e o sofrimento no mundo podem ser conhecidos e nomeados segundo o que são – produtos do mal. Bauman não sente necessidade de justificar seus compromissos morais. Em vez disso, é o mundo que deve justificar-se em termos da crítica que esses compromissos tornaram necessária. Bauman desconfia do mundo e do que ele significa para homens e mulheres. Ele *não* desconfia destes e de sua capacidade de escolher ser moral (ou seja, de escolher ser humano).

Tudo isso poderia fazer parecer que Bauman vê a sociologia como uma plataforma ou movimento político. Não vê. Ele não faz sociologia por acreditar que os sociólogos são aqueles que podem afinal colocar o mundo nos eixos e garantir que todas as pessoas vivam em paz e harmonia. Bauman rejeita explicitamente esse tipo de interpretação das razões pelas quais se deve fazer sociologia.¹⁹ Em lugar disso, ele vincula a prática da sociologia a valores que estão além dela e que falam a todos os homens e mulheres, e não apenas à comunidade dos pensadores sociais. Ele é motivado por um respeito irrestrito pela humanidade, com cuja dignidade está comprometido.

Trata-se de uma dignidade que consiste em transcender as humilhações do cotidiano e, ao contrário, empenhar-se, na prática e na imaginação, em construir uma alternativa que se ajuste à humanidade. A sociologia é um agente importante para tornar possíveis essa “re-imaginação” e essa “re-prática”, porque priva a estrutura, as relações e as instituições prevaletentes do ar de invulnerabilidade de que tão desesperadamente necessitam. Mas esse empenho precisa de um espaço público em que as pessoas possam se reunir sem medo de que todas as suas esperanças e ambições sejam destruídas em função do desejo público de intimidade com a pessoa privada. Só podemos esperar e desejar se formos confiantes: confiantes em nossa segurança material, confiantes em nossos selves. Assim, retornamos ao início, às razões de princípio pelas quais Zygmunt Bauman se recusa inabalavelmente a tornar o indivíduo mais importante que a persona pública.

Portanto, por que Zygmunt Bauman o faz? Porque está comprometido com a humanidade.

Conclusão

Agora é possível, ao que se espera, entender um pouco dos interesses e do caráter do pensamento social de Zygmunt Bauman. Os diálogos deste livro devem ajudar a levar um pouco adiante essa compreensão e a esclarecer as correntes que subjazem à superfície de seus textos. Deve ficar muito claro que, por sob a superfície de livros tão bons em captar a essência do presente, a obra de Bauman é guiada – e eu sugeriria que *sempre* foi – por um compromisso profundo e inamovível com a *humanidade*. Esse compromisso tem assumido diferentes formas em momentos diversos, mas nunca desapareceu. Isso é algo que Bauman jamais perdeu de vista. É esse compromisso que torna sua voz tão característica, desafiadora e relevante. Ele é fundamental para nossa compreensão de quem Bauman é, do que faz e por que o faz.

Mas há uma lição final no pensamento social de Bauman. Ele ensina a virtude da dedicação a despeito – e em face das seduções – das distrações temporárias. O compromisso com a humanidade exige em si um compromisso com o self. Quase no fim de sua aula inaugural na Universidade de Leeds, em 1972, Bauman disse:

Mais que nunca, devemos ter cuidado para não cair nas armadilhas da moda, talvez muito mais prejudiciais que a moléstia que afirmam curar. Bem, nossa vocação, depois desses anos tão pouco românticos, pode-se tornar novamente um campo de testes da coragem, coerência e lealdade aos valores humanos.²⁰

Zygmunt Bauman ensina o que a vocação exige publicamente do pensador social, como isso deve ser perseguido e, ainda mais importante, por que o esforço vale a pena.